

Ruth Sales Gama de Andrade (org.)

Luciana Gama de Andrade

Poeira das Estrelas



Luciana Gama de Andrade
Ruth Sales Gama de Andrade (org.)

Poeira das Estrelas

1ª edição, Aracaju, 2018



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sergipe

POEIRA DAS ESTRELAS

Luciana Gama de Andrade
Ruth Sales Gama de Andrade (org.)

Editora-Chefe: Vanina Cardoso Viana Andrade

Conselho editorial:

Diego Ramos Feitosa
Jéssika Lima Santos
Júlio César Nunes Ramiro
César de Oliveira Santos
Kelly Cristina Barbosa
Salim Silva Souza

Capa: Thiago Estácio

Projeto gráfico e diagramação: Thiago Estácio

ISBN 978-85-9591-066-9

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem
autorização expressa da autora e do editor

©2018 by Ruth Sales Gama de Andrade (org.) e Luciana Gama de Andrade

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – (CIP)

A553p Andrade, Luciana Gama de
Poeira nas estrelas [recurso eletrônico] / Luciana Gama de Andrade;
Ruth Sales Gama de Andrade, organizadora – Aracaju: IFS, 2018.
60 p. : il.

Formato: e-book
ISBN 978-85-9591-066-9

1. Literatura sergipana - poesia. 2. Poesia sergipana. 3. Antologia
poética. 4. Poesia. I. Andrade, Ruth Sales Gama de. II. Título.

CDU: 82-1(813.7)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Célia Aparecida Santos de Araújo
CRB 5/1030

IFS

Avenida Jorge Amado, 1551 - Loteamento Garcia Bairro Jardins - Aracaju /
Sergipe. CEP.: 49025-330
TEL: 55 (79) 3711-3222; E-mail: edifs@ifs.edu.br
Publicado no Brasil – 2018.



Ministério da Educação

**Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Sergipe**

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Educação

Rosseli Soares da Silva

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Romero Portella Raposo Filho

Reitor IFS

Ailton Ribeiro de Oliveira

Pró-reitora de Pesquisa e Extensão

Ruth Sales Gama de Andrade

**Esta obra é dedicada a aqueles que
mais amo: Ruth, Márcio, André,
Tereza e Eliane (in memoriam).**

Agradeço inicialmente à força criadora, pela dádiva da vida. Aos meus pais sou eternamente grata pelo amor incondicional, pela paciência e apoio em todos os momentos da minha vida.

Agradeço a André e Tereza por se fazerem presentes em minha vida, me auxiliando sempre e torcendo por mim.

Agradeço a Eliane (in memoriam), que em muitos momentos foi tia, fã e leitora, incentivando a minha escrita.

Por fim, agradeço a vida em si, onde não só na dor e tristeza, mas também nas alegrias vejo beleza e poesia.

SUMÁRIO

Poçira das Estrelas.....	11
À Mulher sob o véu.....	12
Brasil.....	13
Tesouro Nacional.....	14
Morada do Esquecimento.....	15
O Propósito da Vida.....	16
Melancolia Prajeira.....	17
Sentio Ergo Sum.....	18
Convalescência do Tempo.....	19
Queres morrer, Coração?.....	20
Operação Reversa.....	21
Infortúnio Feminino.....	22
Ode ao Velho Chico.....	23
O Bem, o Mal e a Felicidade.....	24
Dor de Ausência.....	25
Mundo Paralelo.....	26
Eu, Fênix.....	27
Q&A.....	28
Entre Sombras.....	29
Rédzas.....	30
Santuário.....	31
Gracias a la vida.....	32
Humanidade.....	33
Estado de Consciência.....	34
Sina sertanija.....	35
Metamorfose.....	36

A mulher selvagem e a Deusa	37
Sombra dos sonhos	38
Epítome.....	39
Caronte	40
Perdido Formal.....	41
Fibra do Ser	42
Império dos Sentidos	43
Crisálida	44
Pintura Aere	45
Metalinguagem	46
Povo do Litoral	47
Amor em tempos de ódio.....	48
Universo Paralelo	49
Sou mulher	50
Neopagão.....	51
Auto-amor	52
Pais.....	53
Congratulações ao Vencedor.....	54
Buraco dos Ladrões	55
Amor Mutante.....	56
Fé.....	57
Tempus fugit.....	58
Sororidade	59
Aconchego do entrelaço	60

Poeira das Estrelas

É o mesmo céu que vislumbro
Em diferentes tons de anil,
E, no entanto, parece novo e diferente
Tal qual as águas de um rio.
A diferença encontra-se no subjetivismo do olhar,
Que ao contemplar o alto em emoções distintas,
Repara a cada ato e em cada estrela um brilho singular,
Como se reconhecesse partes de mim
Espalhadas pelas esferas do universo.
Eu sou feita da poeira das estrelas do início da criação,
E da distância das muitas partes de mim
Há muitos silêncios, onde habita uma melancolia
Que vai além dos limites da vã filosofia e psicologia.

À Mulher sob o véu

Mulher banhada de sol e lua,
Envolta em véus de mistério.
Nunca vi teu rosto
Ou a cor de seus cabelos,
Apesar de intuí-los em pensamentos.
Com tua força terna e palavras
Jogastes a amante das formas
Aos braços do conteúdo.
E quantas vezes vieres,
Tal qual anjo em seu aspecto translúcido,
Cá estarei refletindo
O eco de suas palavras.

Brasil

Na areia da praia,
É onde meu povo sempre viveu.
E corriam em nudez e inocência
Pelas matas sussurrantes,
No verde-azul aquarela,
Fundo de tela, morada gentil.
Terra morena,
Que tudo cria e tudo dá,
Encanto tropical do povo além-mar.
Nas areias da praia, das ondas do mar
É de onde meu povo veio,
Em naus e em desterro
Da África e Portugal.
Sonhando em fortuna e sofrendo de banzo,
Desbravam as matas e iniciam o Brasil
Em algemas e chicotes.
Com melaço e sangue negro-ameríndio
Escreveu-se a história desta terra,
Deste povo mestiço e de coração leve
Que se encontra na praia
Com pés na areia e mãos no mar.

Tesouro Nacional

Terra amada,
Não esqueça a sua gente
Que trabalha heroicamente
Na promessa de um futuro melhor.
Pátria querida,
Pela qual damos a vida, o salário e o suor,
Dê-nos o gosto de gritar além da Copa
O orgulho de sermos do país do futebol.
País querido,
O que vejo não é bonito,
Estamos todos cabisbaixos e oprimidos
Com vergonha de você.
O povo brasileiro,
Que luta a cada dia para sobreviver,
Merece ao menos uma vez na vida
Ser visto como o tesouro
Que tens a oferecer.

Morada do Esquecimento

Não há um dia em que eu não percorra
As memórias do meu coração,
Na intenção de calar a saudade
Que ecoa em meu peito.
Os meus mortos adentram
A morada do esquecimento
À medida que o tempo encobre
A ausência, curando as feridas
De todos que os amam.
Mas o mesmo não ocorre em mim,
Pois sou a última em pé,
Resistindo ao tempo e espaço,
À vida e à morte.
E apenas quando eu me for também
Estaremos todos apagados
Como poeira varrida ao vento.

O Propósito da Vida

Minha alma anda povoada de sonhos
Com pitadas de medo e incertezas,
Que em momentos oportunistas
Sobrepõem-se aos anseios de minhas ações.
Vencê-los nestes instantes torna-se imperativo!
O silêncio importa anuência,
Anuência esta que mutila o espírito
E deforma o real propósito da vida,
Ser feliz!

Melancolia Praieira

Sons retumbantes
Que se perpetuam no infinito,
Sinfonia marítima
Que ocorre no silêncio do areal.
És base para a melodia
De sentimentos dos transeuntes
Que te contemplam.
E unindo-te ao sol
Cadencias a sinestesia
Presente no teu local.

Sentio Ergo Sum

Sentir é uma coisa tão latina,
Rubra e vivaz
Como o sabor dos trópicos.
É também imprevisível,
De ferver o sangue!
Pura expressão da diluição
Dos domínios da razão.
É, por fim, o que norteia
A razão da própria existência em si:
Sinto, logo existo.

Convalescência do Tempo

Você se foi,

Levou as cores do dia

E o tempo em protesto parou de caminhar.

E o que eu mais quero é fazê-lo entender

Que você não vai mais voltar.

Não são as mesmas as águas que correm o rio,

Não são os mesmo os banhos de luar.

Quanto mais penso estar perto

Mais longe acabo por me achar.

Por isso quero que sigas em frente sem delongas

Para a felicidade eu abraçar.

Queres morrer, Coração?

E ele olhava para mim

Com olhos arregalados de filme de terror

E repetia com tristeza e exaustão:

“Não se machuque. Queres morrer, coração?”

E eu como quem por segundos recupera a razão

Afogo-me com um copo de culpa

E para viver repito a operação.

E dos meus braços machucados

Vê-se o esforço da sobrevivência

Enquanto apenas lhe respondo:

“O sentido do corte indica a intenção”.

Operação Reversa

A cada um que se vai
E que vem para dentro de mim
Sinto-me menos só.
É processo invertido,
Pois do momento em que partem
Ganham também nova vida
E me acompanham para sempre,
Preenchendo vazios em mim.
Tornam-se assim Oniscientes, Onipotentes e Onipresentes.
Tornam-se mais do que jamais puderam ser em vida,
Pois agora já não há mais segredos ou julgamentos.
E quem irá dizer por fim
Quem não é bom pensar assim...

Infortúnio Feminino

Às mulheres somente resta chorar
Pelos seus homens infortunados.
Somente nestas horas
São lembradas como companheiras.
São as únicas que continuam ao lado
Do já não tão bravo guerreiro.
E mesmo com todo abandono e desprezo
Lá estão elas,
Pranteando o homem dos seus destinos
Tal qual fossem o homem de seus sonhos,
Tão fictício no cotidiano quanto a própria felicidade.
Bem se vê que ao longo dos tempos
A fortuna escolhia também o gênero do depositário.

Ode ao Velho Chico

Sinto-te dentro de mim
Como sangue nas veias.
Devagar fluis pelo tempo
E a história de todos nós,
Velho Chico, Velho Guerreiro!
Segues sereno e abundante,
Viabilizando os áridos sonhos
Dos que habitam suas redondezas.
Perdoe-nos o egoísmo e o descaso,
Rio da história dos nordestinos,
De tuas filhas e filhos do litoral e sertão.

O Bem, o Mal e a Felicidade

São faces opostas da mesma moeda
E para que se defina um
Faz-se imprescindível o outro,
Funcionando binariamente
Na constituição de tudo.
E ainda que distintos por vezes mesclam-se
Adicionando ao preto e branco
Inúmeros graus de cinza.
Por mais conscienciosos que nos façamos
Essa dualidade nos alcança
Em cada uma de nossas ações,
Sendo inegável a alegação
De desconhecimento da superposição
De um sobre o outro.
A chave da felicidade é a ciência
Da presença do bem e do mal
Somados à valorização do primeiro
Em detrimento do segundo, interior e exteriormente.

Dor de Ausência

Será que um dia virá um novo alguém
Que me fará voltar a amar
As coisas que você me fez conhecer?
Depois de você as coisas ficaram doloridas
E muitas alegrias foram perdidas.
Não há sistema que consiga mensurar
A saudade e as conjecturas dos sonhos
Que jamais acontecerão.
Encontrar-te agora é tão plausível
Quanto abraçar minha sombra,
Mas te entrevejo em sabores, cheiros,
Músicas e nas palavras dos outros.
Assim vou vivendo dia a dia sem você,
Embora ainda te vista tal qual meu melhor casaco.

Mundo Paralelo

Assim que abri os olhos
Já estava envolvida nelas
Como que sob um manto.
Encontrei-as em seio familiar,
Em meus círculos de convivência,
Mas principalmente em mim.
Viviam sussurrando em meus ouvidos,
Fazendo de mim a conexão
Entre este mundo e um mundo paralelo
Que somente eu via.
E eu saí procurando formas
De estender meu alcance, expandindo horizontes,
E nas minhas tentativas descobri
Que com as mesmas palavras eu falava outra língua.
Através delas eu transbordei
O que nem sempre ia em mim,
Criei pontes móveis e vivi de uma só vez
Vidas sem fim.

Eu, Fênix

Às vezes sinto-me velha como o tempo,
Cumprindo tabela no tique-taque do relógio.
E com olhos embaciados observo a paspalhada
Que nada me atinge mais com encanto.
A alma manifesta-se em clangor agourento
Lamuriando-se de um eterno Je ne sais quoi.
Eis então que como por feitiçaria,
Dos restos do ser decrépito
Renasce um novo eu.
E de olhos novos e esperanças retumbantes
Reinicia fulgurante a jornada.

Q&A

O mundo é movido a perguntas,

Mas e quando ficam sem respostas as nossas perguntas?

E quando não podem ser solucionadas as questões que nos tiram o sono?

E quando, para nosso desespero, esses questionamentos deparam-se

Com ouvidos estéreis, inaptos ou indispostos a aquietar a angústia de nossos corações?

O mundo é movido a perguntas, mas seria muito melhor

Se, de vez em quando, fosse também por respostas.

Entre Sombras

Diminuo meu ritmo, abro os olhos pela primeira vez
E há tanto encanto que para meu espanto
Este parece ser um mundo novo,
Apesar de eu não ter saído do meu canto.
Na correria do cotidiano os sentidos entorpecem,
Seja pelos barulhos de carro, da poeira do asfalto
Ou do bipe do celular.
E assim voam as horas e ficamos cegos
Às belezas do mundo e que crendo
Que no fundo não há maravilhas
Que justifiquem a vida.

Rédças

A voz que do meu peito retumba,
Corosas e sambenitos não poderão segurar.
E ainda que me quebrem os ossos
Jamais quebrantarão meu espírito.
E ainda que em cárcere encontre-me,
Minha mente correrá os verdes campos do meu coração,
Pois eu sou a dona do meu destino
E guiarei com as forças do meu ser os passos que desejo cruzar.

Santuário

A céu aberto em campo estrelado
Corres os dedos sobre minha pele,
Desenhando sonhos velados,
Os quais temes sempre revelar.
Apertas meu corpo ao teu
Como se esperasse que algo os aparte.
Agarra-me os cabelos transbordando
Pelos seus dedos a extrema paixão.
E no pele a pele,
Expurgas os teus demônios
Fazendo do meu corpo a catedral
Na qual clamas santuário.

Gracias a La vida

Ninguém me avisou
Quando abri meus olhos por esta terra,
Que a vida não é justa, nem mesmo fácil.
Descobri seus sabores e dissabores
Como uma exploradora do Novo Mundo.
Ninguém me avisou
Desta grande aventura que eu adentrava
Munida somente de meus instintos e meu coração.
Ninguém me avisou sobre nada
E de olhos puros vivi sob a minha visão.
Ninguém me avisou nada
E obrigada a todos por isso.

Humanidade

Quando as palavras falham
Em expressar o que vai no íntimo,
Que as emoções dominem a razão
Que teima em abafar o coração.
Que neste momento o orgulho se perca,
Que as lágrimas rolem frouxas,
Que os abraços não sejam contidos
E os sorrisos encorajados.
Nestas ações justificamos
Porque a fé na humanidade é restaurada.

Estado de Consciência

Têm olhos, mas não veem,
Seus ouvidos não captam sons
E nas bocas o imbróglio impera.
Nada consegue fazê-los se entender.
Em busca de respostas provocam-te,
Gritam desaforos na esperança
De findar as dúvidas que os consomem.
Esperam em retorno raios, trovões e mesquinharia.
São incapazes de compreender a razão do teu silêncio.
Como entender um estado de consciência sem o
desenvolvimento da própria?
E ao perceberem que não vão te encontrar do lado de fora,
Começam a te sentir brotar em si.
Logo, não têm olhos, mas te veem,
Captam os sons sem os ouvidos
E nas bocas o silêncio diz tudo.

Sina sertaneja

Os olhos marejados
Voltam-se ao céu aberto.
Sonham com nuvens ausentes
Para molhar o seu sertão,
Mas a única água é a lágrima no chão.
O povo sertanejo vê perder-se
Esturricada pelo sol inclemente
A esperança, junto aos bichos e as plantas.
E com dor no peito,
Abandonam seu pedaço de chão em paus de arara
Sendo engolidos pela miséria metropolitana.
A saudade de seu canto e da sua gente
É acalentada pela sanfona que chora
Curando as feridas com a esperança
De um dia tornar a viver no sertão verdejante.

Metamorfose

Acionei a playlist do celular,
Pedia a liberdade de cinco minutos.
O que começou com um simples soluço
Deu vazão a uma torrente
Durante o banho eu gritava
E contra a minha vontade sentei-me no chão
E deixei a água me consolar.
Eu me ouvi chorar até dormir,
Minhas lágrimas molharam o travesseiro
E deixaram o cobertor gelado.
O silêncio era desolador como milhares de vozes na minha cabeça
E a noite longa e intranquila.
Em tão solitário lamento, senti em meu âmagô
A resposta de todos os meus apelos.
Havia me despido de todo o fardo
E dei a luz a mim mesma
Saindo do casulo no qual era prisioneira

A mulher selvagem e a Deusa

Corre descalça e de cabelos ao vento
Pelas matas fechadas.
Livre e selvagem,
Ela percorre com o peito apertado
O caminho do seu pequeno oásis.
Na superfície do lago, observa o semblante sombrio e contrariado,
E sente o aperto no peito formar um nó na garganta.
Lágrimas amargas correm em seu rosto
E perdem-se nas águas pura de lá.
O lugar exala a paz que tanto precisa
Para se colocar em pé novamente.
Com a permissão da Deusa, adentra as águas para limpar-se
E a cada mergulho sente-se em comunhão
Com as energias do lugar.
Aquele era o seu espaço natural,
Onde se sentia em equilíbrio,
Com os pensamentos claros sobre as decisões a tomar.
Sentada a relva permitia-se somente ser
Para então voltar ao mundo,
Mas não sem antes agradecer
À Mãe Natureza pela bênção alcançada.

Sombra dos sonhos

Às vezes lembro-me de você à distância
E é como se estivesse gravado em meu corpo
Cada pequena parte de você.
É saudade absurda,
Quase como poder te sentir
Novamente junto a mim.
Lágrimas silenciosas rolam
E pela minha mente vejo encontros que não vivemos,
Planos que não realizamos
E memórias que nunca existiram.
O pio é te ter assim tão certo
E tão cronologicamente indefinido.

Epítome

Corro os dedos pelas paredes
E portas da, agora oca, casa.
Em cada ambiente há memórias de tantas vidas
Que assombram os cômodos como fantasmas.
Há ali a lição do epítome da história de todos nós:
Salas vazias e repletas de objetos.
O silêncio mórbido contrasta com as visões de alegria
dos encontros na casa.
Lá, inúmeras vezes, havia o barulho e movimento da família.
Quanta saudade daqueles momentos vividos que não
retornam mais!
Como é bom lembrá-los dentro do coração
E repeti-los a fim de gravá-los na alma feito tatuagem.
Saudade é tesouro que fica,
Mas também lembrança da perda.

Caronte

Ponha meu coração em uma caixa,
Entregue na imensidão azul do mar.
Permita a minha alma um descanso
Quando o vento norte a alcançar.
Ao meu corpo frágil as moedas
Para ao barqueiro entregar.
Quem sabe assim te encontro
Quando o mesmo fim a ti chegar.

Pedido Formal

Alma inquieta,
Acalma o turbilhão de pensamentos
Que contigo habita o corpo que atormentam.
Dá-lhe um minuto de silêncio
Para digerir as dores
E ouvir o canto dos pássaros.
Alma,
Quem te vê neste dito silêncio pacífico
Nem em seus mais loucos devaneios
Divisa a chance de acreditar-te
Tão naturalmente perturbada.

Fibra do Ser

Ocultos em camadas de insensibilidade
Vamos seguindo de passagem,
Assumindo o cargo de observadores,
Enquanto o papel principal permanece vago.
E então,
Em momentos fugidios de vida e morte
Somos catapultados da zona de conforto
E convocados a viver.
É nessas pequenas horas
Que sabemos a força de vontade
Que habita cada fibra do nosso ser.

Império dos Sentidos

O sol nunca se põe no império dos sentidos
Em matéria de sorrisos falsos e frivolidades,
Brotando de faces infelizes vendendo a imagem
De tudo o que não possuem.
Existências superficialíssimas, cegas e
insensíveis
Ao simples, porém refinado, sentido de ser.
Embriagam-se nas paixões tresloucadas e
insignificantes por coisas
Enquanto seguem alheios ao amor humano,
Redentor do mais vil espécime.
Esbanjam prodigamente o pouco que têm de
saúde, sanidade e sentimento
Na busca infindável do que apetece o inexplicável
vazio que os consome.
E alienados seguem virando copos,
compartilhando fotos
E publicando suas “imensuráveis felicidades” na
esperança de concretizar
Na mentira o desejo selvagem.

Crisálida

Nascemos por instinto,
Sem sentir,
Sem compreender a vida,
Exercendo-a por intuição.
Então nos adaptamos aos limites do corpo
Que enclausuram a centelha de vida inteligente
Como um casulo e enfrentamos a universalidade
Própria e alheia,
Buscando entender-nos enquanto espécie
Na esperança de a crisálida virar borboleta.

Pintura Acre

Dispersam-se da base ao topo
Em ramas trincadas intrincadas,
Espalhando-se por toda a parte da deplorável morada.
Em suas paredes sujas e janelas tortas
O lugar revela o abandono do seu habitante,
Um quadro de terror repleto de pinceladas agressivas e
contraditórias.
Coroa seu aspecto funesto a figura lúgubre do morador
desmaiado à mesa.
Seus olhos aquosos regados à cachaça
Emanam a condescendência de seus atos,
Tão vagarosos quanto seus movimentos.
Do odor avinagrado do seu corpo e boca
Notava-se a decadência da sua mente e do seu falar incoerente.
De sua história ninguém sabia ou saberia,
Uma vez que este trapo humano, que fora esplêndido,
Enterrou-se em vida para nunca mais retornar à sociedade.

Metalinguagem

Sibila em trabalho jubiloso,
A tinta molhada em folha áspera.
No silêncio produtivo ecoa a escrita criativa
Apaziguando o espírito.
A caneta rabisca rápida e incessante
Com o combustível da mente inquieta transbordando de ideias.
Fruto da constante contemplação,
A obra eternamente incompleta convulsiona a vida
E agita a mão cansada com palavras evanescentes.
Palavra ecoada à superfície dos sentidos dormentes,
Com a força instintiva de sobrevivência, imperando em prioridade
E atirando em oblvio outros pensamentos.
Voz que grita em rima e aliteração a impressão guardada do
empirismo,
Arte da vida em letras, soneto e canção.

Povo do Litoral

Da malemolência de sua pele bronzeada
E do chiado do sotaque praieiro
Emanam a leveza do seu estilo.
Pele de areia e sal, brilho nos olhos,
Sorriso presente remando contra a corrente,
Encanto genuinamente brasileiro.
Regem sua vida no mais doce vai e vem,
Em consonância com as ondas do mar,
Força suave do povo litoral.

Amor em tempos de ódio

Por que eu deveria ter vergonha
De dizer eu te amo
E relegar tal sentimento
A encontros furtivos
E beijos roubados em becos escuros
Enquanto muitos proclamam, ao claro,
O ódio em discursos abertos?
Então eu grito, canto e danço
Em honra ao meu afeto,
Pelo simples fato do meu coração
Estar repleto de ternura
E meus olhos deleitados pelo brilho dos teus.
Não há constrangimento em espalhar
Pétalas de flores em chão de espinhos
E eternizar a vida compartilhada
Em doces poemas de amor.

Universo Paralelo

Em qualquer universo paralelo,
Não importa o quão diferente
Sejam os nossos caminhos,
O destino já está traçado:
Eu e você para sempre lado a lado.
Segure a minha mão
E não tema os desencantos
Porque não importa o onde e o quando,
Te quero sempre e tanto.

Sou mulher

Sou mulher.

Muitas conquistas foram feitas

No decorrer do tempo ao meu gênero.

Muitos, inclusive, não veem o que há mais

A ser adquirido em matéria de direitos.

Mas se não há mais nada a ser conseguido,

Por que eu que sou mulher

Ando pelas ruas à noite com medo

De ser violentada?

Por que devo eu aprender a ser prendada?

Por que me dizem que devo ser frágil e maternal?

Por que não posso definir, enquanto dona de mim,

O que será feito do meu corpo?

E eu, que nada mais tenho a conquistar,

Percebo em ligeira reflexão

Que a luta acabou de começar.

Neopagão

A energia do planeta fortalece a alma.
O contato com a natureza renova as esperanças
E a luz das velas ilumina a escuridão que em todos habita.
O altar esbanja a representação de todas crenças,
Enquanto os ritos e gestos mostram
O respeito aos poderes maiores que a individualidade.
Em comunhão com o universo
O tempo e espaço flexionam-se
Guiando os passos daquele que acredita.
É do brilho do luar e do calor do sol,
Das flores viçosas e árvores verdejantes
Que vem a força que move o planeta,
Somos todos parte dela e nos completamos.

Auto-amor

Ela acariciava o próprio corpo
Com o sentimento de posse readquirido.
O tratamento de objeto
Nunca mais seria permitido.
Sentia o sentimento de estima por si mesma crescer
Enquanto tomava as rédeas do próprio prazer.
Sem vergonha, sem pudor,
Em um ato simples: um auto-amor.

Pais

O que é o ofício dos pais,
Senão um investir e reinvestir
De fundos, de tempo, amor e trabalho.
É o sacrifício cotidiano despido da intenção de usufruto e
do retorno,
Sendo passível até o recebimento de reprimendas e críticas.
O ato de cuidar é pelo viés administrativo de custo-benefício
duvidoso,
Mas nada justifica melhor tal ação que o desprendimento.
Através dele decide-se doar sem medida, sem limites e com
felicidade.
É então, este ofício, um dom entregue a poucos
Que têm no íntimo o necessário
Para cumprir a mais importante das missões:
Forma, auxiliar e acompanhar o ser vindouro
Para melhorar a humanidade.

Congratulações ao Vencedor

Machuca o coração com promessas,
Promessas que nunca pretendeu cumprir.
No dito jogo do amor você é o melhor,
Sempre ganhou, mas nunca levou.
Congratulações ao vencedor
Das palavras vazias, dos beijos frios e do desamor.
Que nossos passos nunca mais se cruzem,
Pois não há espaço para semeadura,
Por melhor que seja o grão,
Em terrenos pedregosos.

Buraco dos Ladrões

No buraco dos ladrões
Havia loucos, sujos e vendilhões.
Despiram-me as vestes, a alma e a dignidade
E eu vaguei só no turbilhão infernal
Preso somente à veste carnal.
Gritei até perder a voz que havia um erro
E arranhei as paredes até sangrar os dedos,
Até que me perdi de mim, do tempo e espaço.
Já não me reconhecia em mim mesmo
E logo não havia mais um erro,
Pois no buraco dos ladrões
Vivem somente loucos, sujos e vendilhões.

Amor Mutante

Meu bem,
O amor é mutante
E não há vergonha nisso,
Pois o que melhor se adapta
Mais tempo vive!
Então sinta-se livre
Para ser você
Que eu sigo sua deixa
E te encontro do outro lado.
Só não me peça para ficar de braço cruzado
Enquanto o mundo gira
E cada um continua vivendo no seu quadrado.

Fé

A fé é força que nos incita a lutar.
É a razão sem a medida do possível,
Funcionando como mola propulsora.
Através dela os avanços humanos
Tomaram forma,
Pois em seu estado puro
Ela liberta o homem de amarras padronizadas.
Em tal fonte de poder reside a cura e o veneno,
Que dá forma aos sonhos denominados impossíveis.

Tempus fugit

Começa devagarinho com os olhos cheios de sonhos e promessas,
E vai se desenrolando em suas primeiras aventuras de celebração.
Seu início revela a vontade de união que habita
Em quem o envolve nos primeiros passos.
E o tempo inexoravelmente cavalga
Pela infância de novos conhecimentos desta entidade.
De suas experiências vem tropeços e acertos
Que criam vincos e definem formas em sua aparência.
Já não é mais tão transparente como no início de sua jornada.
Nas turbulências de sua juventude ficam marcadas
As mudanças que lhe são impingidas.
Chega ao ápice da vida balanceando os prós e contras de sua jornada
Em um apanhado de memórias coletivas
Que o qualificam e definem desde sua criação.
Por fim torna-se um velhinho
Por todos acolhido na fragilidade de seu fim
E então, tal qual fênix das cinzas,
Renasce para renovar o ciclo
E encher novamente de esperanças a todos que o esperam.

Sororidade

Irmã, não importa tua sexualidade
E sim que de mãos de “pessoas de bem” escorrem o teu
sangue,
E que do fim de tua existência
Apaga-se da mente de todos
O que aconteceu, acontece e acontecerá.
Do teu grito contido sai o pedido de socorro
Que todos os ouvidos fingem não ouvir.
Manas, minas e monas ignoradas,
Materializadas em dados que assustam
Mas que ninguém busca mudar.
E, no movimento da noite,
Quando os desejos calam os rompantes da moral,
Correm os carrascos para os teus braços
Em busca das carícias e dos abraços,
Para espantar o que de seus corpos não conseguem apagar.
Irmã, não estás só na dor e na derrota
Tuas irmãs aos poucos se acordam e sentem
A Sororidade, símbolo da liberdade,
Que guiará nós todas a vitória.

Aconchego do entrelaço

E de todas as loucuras
Você foi a mais gostosa
Com frescor de hortelã
E brisa suave da manhã.
Eu não me importo
Se o mundo inteiro me atirar pedras,
Desde que você me atire beijos e flores.
Eu quero a paz de deitar ao seu lado
No aconchego do entrelaço,
Dos abraços,
No nosso espaço criado
Do jeito certinho,
Nosso ninho.



 EDITORA
IFS